

## SUSSURROS E VOZES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Mariluci Guberman<sup>1</sup>

### RESUMO

Os pensamentos, as emoções, o modo particular de cada civilização ver o mundo e a si mesma formam sua filosofia. Busca-se, neste estudo, o pensamento desses povos e de seus descendentes, pois já se esgotou a época em que se acreditava numa só filosofia para a humanidade. Diferenças entre os povos no campo das ideias são características: o pensamento dos ocidentais se revela em um tempo linear e finito, como "início e fim", já o pensamento dos orientais se revela em um tempo cíclico e infinito. Os povos pré-hispânicos, embora integrem o Ocidente, mantêm um pensamento similar ao do Oriente, principalmente, em relação ao homem e à natureza. Portanto, deve-se discutir o pensamento indígena e o ocidental, tanto no que diz respeito à valorização da cultura indígena, quanto no que concerne à preservação da natureza.

**Palavras-chave:** Civilizações. Pensamento. Amazonia. Preservação.

### RESUMEN

Los pensamientos, las emociones, el modo particular de cada civilización ver el mundo y a sí misma forman su filosofía. Se buscan, en este estudio, el pensamiento de esos pueblos y sus descendientes, pues ya se agotó la época en que se creía en una sola filosofía para la humanidad. Diferencias entre los pueblos en el campo de las ideas son características: el pensamiento de los occidentales se revela en un tiempo lineal y finito, como "inicio y fin", ya el pensamiento de los orientales se revela en un tiempo cíclico e infinito. Los pueblos prehispánicos, aunque Occidente, mantienen un pensamiento similar al del Oriente, principalmente, en relación al hombre y la naturaleza. Por tanto, se debe discutir el pensamiento indígena y el occidental, tanto en lo que atañe a la valoración de la cultura indígena, como en lo que concierne a la preservación de la naturaleza.

**Palabras clave:** Civilizaciones. Pensamiento. Amazonía. Preservación.

### ABSTRACT

Thoughts, emotions, the particular way of each civilization seeing the world and itself form its philosophy. This study seeks the thought of these peoples and their descendants, because the time when one believed in a single philosophy for humanity has already been exhausted. Differences between peoples in the field of ideas are characteristic: western thinking is revealed in a linear and finite time, as "beginning and end", while the thought of the Orientals is revealed in a cyclical and infinite time. The pre-Hispanic peoples, although they are part of the West, maintain a thought similar to that of the East, mainly in relation to man and nature. Therefore, it is important to discuss indigenous and Western thought, both with regard to the valorization of indigenous culture, and with regard to the preservation of nature.

**Keywords:** Civilizations. Thought. Amazonia. Preservation.

**Data de submissão:** 15.07.2020

**Data de aprovação:** 06.08.2020

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995) com Bolsa Doutorado Sandwich no Exterior na Universidad Complutense de Madrid. Realizou Estágio Pós-doutoral em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Mestrado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). É Bacharel e Licenciada em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985). Pesquisadora do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS NEOLATINAS UFRJ desde 1996. É Pesquisadora do Núcleo de Estudos das Américas– Nucleas (UERJ/CCS/IFCH) desde 2010. E-mail: mariluciufrj@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A unidade continental da América no plano geográfico é indiscutível, entretanto, sua estrutura social e política não corresponde a essa unidade pois, conforme o antropólogo Darcy Ribeiro<sup>1</sup>, “Toda a vastidão continental se rompe em nacionalidades singulares, algumas delas bem pouco viáveis como um quadro dentro do qual um povo possa realizar suas potencialidades” (RIBEIRO, 1986, p. 11).

Se a diversidade da América Latina é real, torna-se difícil encontrar um símbolo que represente essa variedade de culturas. Para o antropólogo Darcy Ribeiro existe uma matriz genética comum aos latino-americanos: “Todos estes povos têm no aborígine uma de suas matrizes genéticas e culturais [...]” (RIBEIRO, 1986, p. 13). Verifica-se, então, que o indígena, como “matriz genética” e, por conseguinte, produtor em grande parte do imaginário amazônico, deve ser valorizado, assim como seus conhecimentos, sua cultura e seus costumes devem ser preservados.

### 1 O INDÍGENA CALADO...

Várias expedições<sup>2</sup> foram enviadas ao Brasil, principalmente, à Amazônia, mas somente em inícios do século XX, foi constatada a decadência da população indígena pelo etnólogo alemão Curt Nimuendajú<sup>3</sup>(1883-1945), que, ao chegar a terras brasileiras (1903), empreendeu três viagens ao rio Solimões (1929, 1941 e 1942). Logo depois de sua chegada, Nimuendajú encontrou, em 1927, a população indígena da bacia do rio Negro, mais precisamente em São Gabriel da Cachoeira, em um processo decadente, conforme se verifica a seguir:

A decadência da cultura indígena é espantosa; todos para isto se coligam: os colombianos que, espezinhando e vitimando o índio pela maneira mais bárbara, lhe tiram o último vestígio de brio e consciência; os brasileiros com a sua mania de civilizar índios, cujo ideal é fazer deles eleitores e cuja prática consiste principalmente em arrumar-lhes nas costas um débito e cobrá-lo depois por bem ou por mal [...]; os padres salesianos que na sua intolerância extirpam sistematicamente tudo que difere da chamada civilização cristã, proibindo a construção de malocas, o uso do cachiri [bebida fermentada extraída da mandioca], do trocano [instrumento de percussão], dos enfeites de penas e de pedra, as danças e o culto do Yurupari. (NIMUENDAJÚ, 2000, III).

Com a mecanização e a automatização do homem na Modernidade, não somente a decadência indígena, mas também as habilidades de grandes civilizações se desvalorizaram,

<sup>1</sup>Darcy Ribeiro (1922-1997) realizou expedições (1949 e 1951), que geraram o livro *Diários Índios: os Urubus-Kaapor* (1996), reprodução dos diários de campo. Preocupado com o impacto da civilização sobre os indígenas brasileiros, elaborou um estudo sobre essa situação (UNESCO). Darcy Ribeiro criou, também, o *Museu do Índio* (Rio de Janeiro, 1953). Colaborou com a *Organização Internacional do Trabalho*, preparando um manual sobre os povos aborígenes de todo o mundo (1954). Após 1968, Darcy Ribeiro escreveu a Série *Estudos de Antropologia da Civilização (O Processo Civilizatório, As Américas e a Civilização*, além de outros livros.

<sup>2</sup>As várias expedições, missões e comissões científicas foram integradas por viajantes estrangeiros e brasileiros, como: antropólogos, arqueólogos, artistas plásticos, bacteriologistas, biólogos, cartógrafos, cientistas, educadores, engenheiros, fotógrafos, geógrafos, médicos, militares, naturalistas, ornitólogos, religiosos, zoólogos. Ver a obra de João Meirelles Filho (2011).

<sup>3</sup>Curt Nimuendajú, nascido com o nome de Curt Unckel, naturalizou-se como Curt Nimuendajú (1921), nome dado pela tribo dos Guarani-Ñandeva, em 1906, e que significa “o que cria seu próprio lar”. Após sua morte, o Museu Paraense Emilio Goeldi recebeu coleção etnográfica da coleta intensiva realizada por Curt Nimuendajú, como vocabulários de idiomas indígenas, coletânea de histórias e lendas, como: *Maué* [vocabulário] (1928); *Idiomas indígenas del Brasil* (1932); *Os Apinayé* (1956); *Textos indigenistas* (1982); *Etnografia e indigenismo sobre os Kaingang, os Ofaie-Xavantes e os índios do Pará* (1993).

como as artes manuais, ou foram esquecidas, conforme as reflexões do antropólogo Manuel Nunes Pereira<sup>4</sup> sobre esse processo:

Por que chamamos inferior o que não compreendemos? Por quê ao fundar uma escola no Uaupés<sup>5</sup>, damos mais importância a realidades abstratas que ao ensinamento da arte manual, ao desenvolvimento das habilidades prodigiosas dessas mãos, e deixamos atrofiar-se numa geração o que, durante séculos de atividade, nela se havia adotado? (PEREIRA, 1980, p. 5).

Nas civilizações pré-colombianas os objetos, tanto de madeira quanto de barro, pedra ou, ainda, de tecido, eram sacralizados; representavam entidades divinas, integrantes da natureza - fauna, flora e, principalmente, o homem -, ou fenômenos da natureza (trovão, furacão, raio, tempestade, terremoto...). O indígena dessas civilizações, anteriores à chegada dos europeus, convivia com o mundo mágico de sua gente desde sua infância.

A harmonia natural entre o homem e a natureza se rompeu com a modernização, isto é, com as forças produtivas da atividade econômica (antes marginal), pois conforme o filósofo Guy Debord, “encontrou as condições sociais do grande comércio e da acumulação de capitais” (DEBORD, 1997, p. 29), dominando totalmente a economia. O século XX passou a vivenciar os transtornos climáticos e, em 1988, na *Conferência de Toronto*, houve uma mobilização geral para atenuar esses transtornos e preservar a natureza. O filósofo também completa: “O crescimento econômico libera as sociedades da pressão natural, que exigia sua luta imediata pela sobrevivência; mas, agora, é do libertador que elas não conseguem se liberar” (DEBORD, 1997, p. 29). Debord ainda acrescenta: “[a] busca do movimento independente da economia”, faz “desaparecer a cidade e o campo, [...], sua destruição simultânea” (DEBORD, 1997, p. 115).

Ainda no século XX, com o contínuo desenvolvimento do trabalho *maquínico*, redobrado pela revolução informática, na concepção do filósofo Félix Guattari (2012, p. 8-9), as forças produtivas tornarão a maneira de viver insustentável. O desemprego, a marginalidade, a solidão, a ociosidade, a angústia e a neurose serão as marcas dos tempos vindouros. Por que não transformar essas marcas, conforme o filósofo francês, em cultura, criação, pesquisa, reinvenção do meio ambiente, enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? Através de uma verdadeira revolução política, social e cultural, no entender de F. Guattari (2012, p. 9), será possível criar novas marcas e reorientar os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

A partir da modernização tecnológica e da expansão dos meios de comunicação na América Latina atribuíam-se, conforme Néstor García Canclini, “a desintegração e o atraso latino-americanos aos ‘obstáculos culturais’, essas tradições que diferenciam cada região” (TN) (GC, 1995, p. 150). Acreditavam-se “que nossas sociedades, ao se industrializarem, lograriam se modernizar em forma homogênea e se vinculariam com mais fluidez” (TN) (GC, 1995, p. 150). Foi o que ocorreu em parte, pois é mais fácil a transmissão pela televisão, internet, celular e redes sociais do que pelo rádio, periódicos e livros. De qualquer modo, conforme García Canclini “persistem marcadas diferenças étnicas, regionais e nacionais entre os países latino-americanos” (TN) (GC, 1995, p. 150).

Os habitantes dessas regiões diferenciadas nem sempre têm acesso às novas tecnologias e aos meios comunicacionais. De acordo com Néstor García Canclini, o

---

<sup>4</sup>Manuel Nunes Pereira (1892-1985) viveu a maior parte de sua vida em Manaus viajando continuamente para o interior da Amazônia, foi um dos maiores estudiosos do índio e da cultura dessa região, quando registrou, em forma de artigos, estudos científicos sobre o pirarucu, a tartaruga do Amazonas e o peixe-boi. Escreveu os dois volumes de *Moronguetá. Um Decameron indígena*, descrição de áreas indígenas, registro de história, relevo, rios, clima, flora, fauna, lendas e tradições da região amazônica e outros.

<sup>5</sup>O autor se refere ao rio Uaupés “...relacionado com as aventuras dos deuses e heróis míticos das tribos do território brasileiro e dos da Venezuela, da Colômbia e da Guiana”. In: PEREIRA (1980), p. 104.

“isolamento desolado é, por carências ferroviárias ou de outros recursos e comunicações, uma paisagem cada vez mais freqüente na América Latina” (TN) (GC, 2002, p 89). Também o isolamento, em relação às sociedades marginalizadas, se explica pelo entender de García Canclini: “... a reprodução de suas formas de vida e simbolização é asfixiada pela concorrência global, [...]. Por isso, muitos vêm na globalização somente promessas de perdas e, quando ouvem exaltar o local, pensam que suas virtudes estão em outra parte” (TN) (GC, 2002, p. 87). Essas culturas excluídas da globalização “não só deixam de ter sustento econômico e social, mas também perdem significado” (TN) (GC, 2002, p. 87).

Na segunda metade do século XX, surgiu no mundo uma preocupação com o homem e sua interação com o meio ambiente<sup>6</sup>, principalmente com a proteção e a preservação do sistema ecológico. Em 1990, o filósofo francês Michel Serres lançou uma proposta para dissipar o problema que afeta o final do século: a reconciliação com a natureza, presente em seu *Contrato natural*, o qual, à semelhança do contrato social, busca firmar com o mundo um novo pacto que supere a guerra contra a natureza, instituindo a paz como meta, a reconciliação com a natureza, pois “a evidência nos mostra que se deve recomeçar o fundamento de uma história, cujo fim está à vista”. Para Serres (1991, p. 25), “trata-se da necessidade de rever e, até mesmo, de renunciar ao contrato social primitivo. Este nos reuniu, para o melhor e para o pior, [...]; agora que sabemos nos associar diante do perigo, é preciso prever [...] um novo pacto a assinar com o mundo: o contrato natural”.

O filósofo chama a atenção para a angústia que começa a se difundir em torno da natureza, mencionando como prova a mobilização geral que, no sentido de preservá-la, desde as conferências de Estocolmo (1972), Toronto (1988), Paris (1989), Londres (1989), Haia (1989), Ríó de Janeiro (1992), Johannesburgo (2002) [...] assumiu um peso político de caráter internacional, imprimindo maior destaque ao enfoque da natureza do que ao da sociedade (SERRES, 1991, p. 35).

Um dos fatores mais prejudiciais à natureza é a poluição, a grande ruptura entre o mundo terreno e o mundo celestial, como se pode observar no questionamento de Michel Serres (1991, p. 35): “Como é que as paisagens divinas, a montanha santa e o mar de sorrisos incontáveis dos deuses puderam transformar-se em usinas de esgotos ou receptáculos abomináveis de cadáveres?”.

## 2 O INDÍGENA GANHA VOZ...

Nas três últimas décadas do século XIX, a interiorização na Amazônia, em busca do látex, da madeira e das especiarias, passou a preocupar o governo brasileiro, que viu no isolamento, sobretudo nas regiões de fronteira e na região oeste do país, afastadas dos grandes centros urbanos e, também, nos povos indígenas, alvos fáceis de serem atingidos pelos especuladores. Faltavam políticas públicas de proteção às riquezas amazônicas e aos povos indígenas.

Para este fim, foi criada, em 1907, a *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas* (1907-1915) para a qual foi designado o militar e sertanista brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), conhecido como Marechal Rondon, que desbravou terras, instalou a primeira linha telegráfica, mapeou terrenos e

---

<sup>6</sup>Já, em 1970, o pesquisador brasileiro Eneas Salati estudava sobre o ciclo da água e os recursos hídricos na Amazônia, além dos impactos das mudanças climáticas globais. Em 1971, um grupo de investigadores de diversos países se reuniu (Roma) para avaliar os problemas mundiais, dentre estes os recursos naturais e o meio ambiente. Em 1972, foi realizada (Estocolmo) a *Conferência das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio Ambiente*, quando se discutiram o antagonismo desenvolvimento/ meio ambiente. Em 1981 foi aprovada, no Brasil, a Lei 6.938, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente.

manteve contato com muitas tribos indígenas<sup>7</sup>. Esse contato de Rondon transformou seu objetivo inicial de explorar e modernizar a Amazônia em preocupação com a integridade dos indígenas. São os primeiros passos em prol de uma política para essa região: sertanistas, etnólogos, biólogos e antropólogos irão desbravar e estudar esse território, no qual o índio é o centro das atenções, um ser humano que suscita estudo, valorização, precaução e empenho no contato com o civilizado. Participaram desses primeiros passos, junto ao Marechal Rondon, os irmãos Villas Boas<sup>8</sup>, Noel Nutels<sup>9</sup>, Darcy Ribeiro e outros, que, em 1946, pleitearam a criação do *Parque Nacional do Xingu*<sup>10</sup>. A reserva indígena mais importante das Américas só foi instaurada em 1961.

Se o século XX foi marcado, de certo modo, por uma política de desenvolvimento para a Amazônia, de outro modo, trouxe a valorização<sup>11</sup> dos povos indígenas e o idealismo em prol desses povos, em busca de uma política governamental para a instituição de um órgão gestor que assegurasse a liberdade, a idoneidade do índio e o respeito a sua cultura, sem deixar de assegurar ao índio brasileiro sua cidadania. Com essas ideias, foi criada no Brasil (1967) a *Fundação Nacional do Índio* (FUNAI)<sup>12</sup>, vinculada ao Ministério da Justiça. O indígena começa a ter voz.

O homem, conforme Zygmunt Bauman, não deve “ser exposto a uma manipulação que ele não pode evitar por não poder sobreviver a não ser se submetendo às condições que essa dependência lhe impõe” (BAUMAN, 2012, p. 153). Em consonância com esta assertiva, o amazônida não deve ser percebido como objeto do trabalho, e sim como sujeito do trabalho, aquele que atua livremente conforme as concepções de sua cultura ancestral. A importância da floresta e do rio Amazonas para o nativo, que promove a conservação e o uso sustentável do bioma amazônico, difundindo a produção e o conhecimento, reside também na preservação da memória cultural da região, pois por meio da literatura oral, para Manuel Nunes Pereira, sobrevive a memória:

...simplicidade de sua urdidura, do colorido de suas imagens, da pluralidade dos seus símbolos, da musicalidade dos idiomas que a fantasia e a memória coletiva haviam escolhido para sua fixação na órbita tribal, a fim de transmiti-la depois, de geração em geração, para outros horizontes, como expressão vivaz da cultura. (NUNES PEREIRA, 1980, p. 6).

Perante o advento da Modernidade, na cultura popular, conforme Roberto Díaz Castillo, “irredutível perante os focos cosmopolitas de penetração estrangeirizante, o povo defende a autenticidade de sua própria linguagem” (RDC, 1987, p. 7). A memória, de acordo com Kátia Canton, atua como um verdadeiro “agente de resistência” (CANTON, 2009, p. 21) da Amazônia, ou seja, o indígena e seus descendentes diretos ou mestiços disseminam o conhecimento sobre o segredo da selva e dos rios, preservando a memória cultural da região: a tradição, carregada de símbolos, lendas e mitos sacralizados pelos índios, colabora na preservação do meio ambiente, evitando sua degradação.

---

<sup>7</sup>Rondon organizou e dirigiu o *Serviço de Proteção aos Índios* (1910). Contactou com várias tribos indígenas. Nesta época era construída a ferrovia Madeira-Mamoré. Por meio da Comissão Rondon, além de inúmeras linhas e estações telegráficas.

<sup>8</sup>Os irmãos Villas Boas (Orlando, 1914-2002; Cláudio, 1916-1998 e Leonardo, 1918-1961) integraram a Expedição Roncador-Xingu, criada pelo governo federal, em 1943, para conhecer e desbravar as áreas não identificadas na cartografia brasileira existente nessa época.

<sup>9</sup>O sanitarista e fisiologista Noel Nutels (1913-1973), a partir do encontro com os índios, dedicou-se à defesa desses povos e à erradicação das enfermidades contraídas pelos índios em contato com o branco.

<sup>10</sup>Inicialmente, foi criado como *Parque Nacional do Xingu*, atualmente, é *Parque Indígena do Xingu*, onde vivem aproximadamente 5.500 índios de diversas tribos.

<sup>11</sup>Para os irmãos Villas Boas, os índios vivem em uma sociedade equilibrada, estável, com sólidos princípios morais e com comportamentos éticos, que mantêm harmonicamente a organização tribal.

<sup>12</sup>Ver os objetivos principais da Funai. OIT (1989); Brasil (2004). In: <http://www.funai.gov.br/>.

Como a memória foi transmitida, durante séculos, pela oralidade, cabe ressaltar a importância da literatura oral, nessa região, pois são essenciais na interação do bioma amazônico. Portanto, o indígena não se sente separado da natureza (florestas, rios, montes, animais...), pelo contrário, integra-se a ela e vê seus elementos mais do que simples produtores de madeiras, frutos ou carnes. Para o autóctone, o ser humano é um componente da natureza. Essa integração homem/ natureza permite afirmar que o indígena, seus descendentes e os “ribeirinhos”<sup>13</sup>, esses últimos, em grande parte, vindos de outras regiões desde o *Ciclo da Borracha* (1879-1945), são agentes na preservação da Amazônia.

Pode-se tomar a Amazônia como um abundante *território*, na acepção de Milton Santos (2001), onde se dá uma relação harmônica e significativa entre o homem e a água. De acordo com o poeta Thiago de Mello, “O rio fala com o homem. O rio diz o que o homem deve fazer. Sucede que a floresta não pode dizer. A floresta não anda. A selva fica onde está. Fica à mercê do homem” (MELLO, 2005, p. 32). Na região amazônica há um ciclo de águas<sup>14</sup>, de subida ou descida, a que seu habitante precisa se acostumar ao longo do tempo, são os rios que regem a vida desse habitante. Como os ciclos das águas são constantes, o nativo se habituou a conviver com esses ciclos, os quais projetam ciclos econômicos, conforme Thiago de Mello:

Grandes vazantes significam fartas colheitas: a terra da várzea inundada é fertilizada pelo rio, que lhe acrescenta sais minerais e matérias orgânicas. É tempo de grandes pescarias, tempo de bom plantar. Grandes cheias correspondem a duras calamidades e amargas misérias: o peixe deixa o rio e se esconde nos lagos de remanso [...], as plantações são destruídas, a raiz da juta apodrece [...], o gado tem que ser levado para as alturas da terra firme [...], as sucurijus enormes espreitando; o soalho das casas fica submerso, [...]. O homem fica à mercê do rio. (MELLO, 2005, p. 27).

Para a reintegração com a natureza, pode-se buscar como exemplo a relação harmoniosa dos povos pré-colombianos com o meio ambiente, seja pela memória oral e escrita, seja pelos registros em cavernas, ou ainda, pelos registros em cerâmicas, templos, pirâmides e ruínas. Porém, neste estudo, toma-se como objeto de investigação a integração do homem com a região amazônica, a maior biodiversidade do planeta (flora, fauna, rios, lagos...), banhada pela bacia do rio Amazonas<sup>15</sup> com 66,90% situados em território brasileiro.

Além da biodiversidade da Amazônia brasileira, existe o contraste econômico e a heterogeneidade cultural, que tornam essa área única, conforme o sociólogo João Carlos Barroso em seu estudo *A agricultura moderna em Mato Grosso: riqueza e pobreza*<sup>16</sup>, que aponta para duas regiões diferentes em um mesmo estado do Brasil: a Chapada dos Parecis e o Vale do Araguaia.

A Chapada dos Parecis, próxima à fronteira com a Bolívia, situa-se no estado de Mato Grosso. Na chapada nasce o rio Paraguai, um dos formadores da bacia do rio da Prata; portanto, a chapada é um divisor de águas de duas grandes bacias hidrográficas: a Amazônica e a Platina. Nela, conforme J. C. Barroso (2005, p. 190), “agricultores oriundos do Sul do Brasil, desenvolveram uma agricultura moderna, com culturas de soja e algodão”, que além de prejudicar o meio ambiente, exclui parte significativa da população. Essa migração só

<sup>13</sup>Os “ribeirinhos” caçam, pescam e extraem da floresta frutos, ervas e látex, e vivem do artesanato e da agricultura. In: <http://portaldamazonas.com/ribeirinhos-da-amazonia>.

<sup>14</sup>Ver “ciclo de águas”, de Antonio Donato Nobre. *El Futuro Climático de la Amazonía*. In: [www.ccst.inpe.br/wp-content/uploads/2014/11/El\\_Futuro\\_Climatico\\_de\\_la\\_Amazonia](http://www.ccst.inpe.br/wp-content/uploads/2014/11/El_Futuro_Climatico_de_la_Amazonia).

<sup>15</sup>O rio Amazonas nasce nos Andes peruanos, mais precisamente no *Nevado de Mismi*, a 5.597 metros, e segue para terras brasileiras. No Peru recebe vários nomes e, no Brasil, entra como Rio Solimões, onde se situa a cidade de Tabatinga, que juntamente com as cidades de Santa Rosa (Peru) e Leticia (Colômbia), formam fronteiras na região amazônica. Ao receber as águas do rio Negro, passa a ser denominado Rio Amazonas. Em seu percurso de 6.762 quilômetros, carrega mais de 7.000 afluentes e desagua no Oceano Atlântico, rodeado pela floresta amazônica e formando um delta entre os estados do Pará e Amapá.

<sup>16</sup>O estudo de João Carlos Barroso, *A agricultura moderna em Mato Grosso: riqueza e pobreza*, integra a obra coordenada por Martin Coy e Gerd Kohlhepp (2005), p.189-195.

poderia resultar no contraste entre riqueza e pobreza em Mato Grosso: máquinas e tecnologias avançadas sob o comando de latifundiários do agronegócio, em contraste com parte da população excluída, principalmente migrantes do Nordeste do país, que só conseguem trabalho em período de safra.

Quanto ao Vale do Araguaia, que está situado entre os rios Xingú e Araguaia (norte do estado de Mato Grosso e próximo ao estado do Pará), conforme J. C. Barroso (2005, p. 192), “era território de vários povos indígenas<sup>17</sup>”, os quais começaram a perder seus territórios com a chegada de seringueiros, agricultores e criadores de gado vindos do Pará e do Maranhão, de acordo com L. B. Antônio Soares (2004), a partir das primeiras décadas do século XX. Desse modo, os indígenas têm sido obrigados a dividir seu território.

Tanto os europeus quanto os asiáticos passaram a incentivar a expansão da soja, desde o cerrado até a floresta amazônica, com insumos públicos e privados (KOHLHEPP; BLUMENSCHNEIN, 2000); entretanto, a soja não é o único fator de destruição da natureza no Brasil, tem-se a ocupação humana irregular, o crescimento das fazendas de gado, que ocupam áreas desmatadas por extração de madeira ou por queimadas, também, o garimpo, a mineração e o agronegócio. Esses fatores, aliados aos tratores e às motoserras, colaboram para a destruição do meio ambiente. Em relação a essa máquina, conforme João Meirelles Filho, pode-se falar de duas Amazônia[s], *Antes da Motosserra* e *Pós-Motosserra*: “A motosserra emite um sommensagem: sou a destruição em *moto-contínuo* [...]. A motosserra, como símbolo, substitui qualquer outra linguagem e banaliza a violência” (MEIRELLES FILHO, 2011, p. 21).

Cabe ressaltar a posição dos países desenvolvidos ao tratar do apoio<sup>18</sup> a outros países, apresentada na *Conferência sobre o Clima* (COP 21) em Paris (2015): “A *EU* [União Europeia] e os demais países desenvolvidos seguirão apoiando a ação pelo clima a fim de reduzir as emissões e aumentar a resistência às consequências da mudança climática nos países em desenvolvimento”. Se por um lado, as nações desenvolvidas se manifestam favoráveis ao acordo da COP 21; por outro, elas continuam aumentando as emissões de gases de efeito estufa e, em consequência, provocando danos e prejuízos ao clima do planeta, como a abundância das queimadas e dos fenômenos climáticos insustentáveis, além do aquecimento global.

A preservação do meio ambiente se relaciona com a população que nele habita, cabe lembrar a região amazônica preservada pelo difícil acesso e pelos povos indígenas que ali viviam, quando os europeus aportaram no Brasil. A estimativa<sup>19</sup> era de mais de 1.000 povos indígenas, com 2 a 4 milhões de pessoas. Atualmente, verificam-se, em território brasileiro, 250 povos com falantes de mais de 150 línguas diferentes.

Ao se analisar o *Quadro Geral dos Povos Indígenas*<sup>20</sup>, constata-se uma pluralidade de etnias, culturas e pensamento, que plasmam um sistema sócio-cultural muito complexo, porém nem todos habitam o território brasileiro, pois parte dos indígenas se encontra na Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela. Deve-se observar o trânsito desses povos indígenas de um país a outro, inclusive do Brasil para outros países da América do Sul.

Como são muitos os povos indígenas no Brasil, serão abordados alguns neste estudo, como a tribo com o maior território: os *Yanomami[s]*, que ocupam 192.000 km<sup>2</sup> em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela, ao norte da Amazônia preservada. São estimados,

<sup>17</sup>Povos indígenas que habitavam o Vale do Araguaia: Xavante, Tapirapé, Karajá e Caiapó.

<sup>18</sup>“Acción por el Clima”. In: *Web oficial de la Unión Europea*. [https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris\\_es](https://ec.europa.eu/clima/policies/international/negotiations/paris_es)

<sup>19</sup>Estimativa de indígenas, conforme o *Instituto Socioambiental (ISA)*, Brasil, para aquela época. In: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>.

<sup>20</sup>Quadro Geral dos Povos Indígenas. In: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>

somente em terras brasileiras 19.338, e no Brasil e na Venezuela 35 mil pessoas<sup>21</sup>. Os *Yanomamis* compõem de quatro subgrupos, nos quais cada um fala uma língua própria: *Yanomae*, *Yanômami*, *Sanima* e *Ninam*.

O chefe indígena Davi Kopenawa Yanomami, a fotógrafa suíça naturalizada no Brasil Claudia Andujar, o missionário italiano Carlo Zacchini e o etnólogo francês Bruce Albert, junto ao fundador do ISA (*Instituto Socioambiental*), Beto Ricardo, criaram a *Comissão Pró-Yanomami* (1978), determinante para a demarcação da *Terra Indígena Yanomami* pelo governo brasileiro (1992). Cabe assinalar a participação desse grupo na exposição *Claudia Andujar*<sup>22</sup> *La Lutteyanomami* (Paris), registro, no exterior, da civilização *Yanomami* e da paisagem majestosa da selva Amazônica.

A tribo com maior densidade populacional do Brasil (53.544 integrantes) é a dos *Tikunas*<sup>23</sup>, que vive à margem esquerda do rio *Solimões*, entre *Tabatinga* e *São Paulo de Olivença*, vivendo também na Colômbia e no Peru. Entretanto, muitos povos indígenas da Amazônia não chegam a mil membros, como por exemplo, a tribo *awá* que se constitui de, aproximadamente, 450 pessoas.

Ainda que exista um número considerável de indígenas no Brasil, nem sempre a *Fundação Nacional do Índio* (FUNAI) pôde oferecer proteção a esses povos após a ocupação irregular na floresta, como se pode observar na denúncia<sup>24</sup>, em Brasília, da líder indígena *munduruku* (povo das formigas de fogo), Alessandra Munduruku, sobre o trato depreciativo com seu povo e a invasão de suas terras, na Amazônia, pela mineração, afirma: “Esta água suja traz morte e enfermidade a nossa gente, e nossos peixes estão cheios de mercúrio”.

### 3 SABER OUVIR O NATIVO...

O patrimônio cultural e oral dos povos da Amazônia tem sido registrado por documentários, artigos e livros. Estes últimos apresentam, em grande parte, obras emanadas da história e do imaginário amazônico. Se por um lado existem livros sobre a literatura oral e escrita na Amazônia, destacam-se, nessa região, significativas editoras locais, principalmente, dos estados do Amazonas e Pará, por outro lado, existem livros escritos pelos próprios indígenas, como: *O gravador de Juruna* (1983) de Mário Juruna<sup>25</sup> (1943-2002), *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015) de Davi Kopenawa (1956)<sup>26</sup>.

As reflexões de Davi Kopenawa, em sua obra *La chute du ciel. Paroles d'un chamanyanomami* (2010), traduzida com primor para o português por Beatriz Perrone Moisés, como *A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomami* (2015), são o verdadeiro testemunho sobre o pensamento e a memória dos povos indígenas:

<sup>21</sup>Dados do site *Povos Indígenas no Brasil*. In: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

<sup>22</sup>Além de Claudia Andujar e Davi Kopenawa, também participaram da inauguração da exposição *Claudia Andujar La Lutteyanomami* (Paris, 2020) Carlo Zacchini e Bruce Albert. In: <https://amazonia.org.br/2020/01/aluta-yanomami-de-claudia-andujar-chega-a-paris/>

<sup>23</sup>Os dados da tribo *tikuna* foram extraídos de Marília Facó Soares. *Ticuna. Povos Indígenas no Brasil*. Instituto Socioambiental (ISA). In: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>

<sup>24</sup>Ver a denúncia dos indígenas. In: “El pueblo indígena *munduruku* denuncia minería ilegal en Brasil” (2019). Os *munduruku* formam uma tribo da Amazônia com 14.000 integrantes. In: <https://www.survival.es/noticias/12283>

<sup>25</sup>A obra *O gravador de Juruna* “é baseada nas gravações realizadas por Juruna, junto a dirigentes da FUNAI e parlamentares, que prometiam políticas e cumprimento de leis para a proteção dos povos indígenas e não as cumpriam”. In: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mário\\_Juruna#O\\_Gravador\\_de\\_Juruna](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mário_Juruna#O_Gravador_de_Juruna)

<sup>26</sup>Davi Kopenawa escreveu em co-autoria com Bruce Albert, antropólogo francês, a obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (original *La chute du ciel: Paroles d'un chamanyanomami*, 2010). Kopenawa nasceu em Marakana (1956), Estado do Amazonas e Albert em Marrocos (1952). Davi Kopenawa Yanomami já discursou na ONU (Estocolmo) e recebeu o *Prêmio Nobel Alternativo* (2019).



Eu não tenho velhos livros como eles [os brancos], nos quais estão desenhadas as histórias de meus antepassados. As palavras dos xapiri[espíritos] estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. [...]. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é minha vez de possuí-las. Mais tarde, elas entrarão na mente de meus filhos e genros, e depois, na dos filhos e genros deles. [...]. Desta forma, elas jamais desaparecerão. (KOPENAWA, 2019, p. 65).

Também destacam-se os seguintes livros indígenas: *O mundo tukano antes dos brancos: um mestre tukano* (2017) de Álvaro Tukano<sup>27</sup> (1953) e *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) de Ailton Krenak (1953)<sup>28</sup>. Tanto as obras de Juruna e Kopenawa quanto as de Tukano e Krenak registram reflexões críticas sobre o pensamento ocidental e o indígena.

Pode-se ressaltar a concepção do líder indígena Davi KopenawaYanomami<sup>29</sup>, que observa a terra em detalhe e revela como os índios pensam a floresta de modo distinto dos brancos:

Nós pensamos diferente. A beleza da terra é muito importante pra nós. Do jeito que a natureza criou tem que ser preservado, tem que ser muito cuidado. A natureza traz alegria, a floresta pra nós índios é muito importante. A floresta é uma casa, e é muito mais bonita que a cidade. A cidade é como papel, é como esse carro aí na frente: branco, parece um papel jogado no chão. A floresta não, a floresta é diferente. Verde, bonita, viva. Fico pensando... por quê homem branco não aprende? Pra que vão pra escola? Pra aprender a ser destruidor? Nossa consciência é outra. Terra é nossa vida, sustenta nossa barriga, nossa alegria, dá comida é coisa boa de sentir, olhar... é bom ouvir as araras cantando, ver as árvores mexendo, a chuva. (KOPENAWA, 2012).

Quanto aos livros didáticos sobre a Amazônia (quase sempre incluídos em livros de Geografia), fazem uma abordagem resumida perante a importância do bioma amazônico. Entretanto, cabe assinalar os sites, como: *Rádio Yandê*, *Rádio Indígena Online*, com notícias, músicas indígenas, programas informativos e educativos; o de *Games Educativos*, do *Instituto CERTI Amazônia*; *Jogos didáticos de Educação Ambiental*, do *Instituto Mamirauá* (Amazonas) e os *Povos indígenas no Brasil Mirim*, do *Instituto Socioambiental* (ISA). Este site inclui informações, lendas e jogos, e tenta conciliar o saber científico com o saber indígena, por meio do lúdico em busca da interação entre os dois saberes, isto é, entre o cientificismo e o tradicionalismo na Amazônia.

Se por um lado, na Amazônia, são relevantes os valores nativos, por outro, a modernidade, como transformação revolucionária que se traduz em emergência de valores, exige modificações e/ou adaptações desses valores. Cabe assinalar a necessidade dessas transformações para evitar o desmatamento da selva e, conseqüentemente, a erosão e o empobrecimento da biodiversidade, que contribuem não só para as mudanças climáticas, mas também, conforme o pesquisador Virgílio Viana, “para a geração de energia hidrelétrica e abastecimento de água para as cidades e para a agricultura” (VIANA, 2006, p. 24). Percebe-se, então, a premência para converter alguns valores.

<sup>27</sup>Álvaro Tukano, líder indígena Tukano, é “um elo entre a etnia Tukano e o [...] IBICT/ MCTI, no projeto “Corredor Digital”, desenvolvido em áreas indígenas da nação Tukano, na bacia do rio Uaupés, Alto Rio Negro [...]. Desenvolveu, junto com a Funai, o projeto com conteúdos impressos e digitais, bem como ferramentas tecnológicas específicas, tomando como base as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Indígena*, para capacitação de professores indígenas de ensino fundamental, que passaram a atuar como multiplicadores”.

In: <http://acienciaqueeufaceo.mast.br/index.php/2-uncategorised/12-alvaro-tukano.html>

<sup>28</sup>Ailton Krenak nasceu na Reserva Indígena dos Krenak (*kre*, cabeça, *nak*, terra; logo, *cabeça da terra*), região do rio *Doce* (Estado do Espírito Santo).

<sup>29</sup>Ver KOPENAWA, Davi. “Davi KopenawaYanomami Pouco conhecido em seu próprio país, ele é a mais respeitada liderança indígena brasileira”. *Revista Trip*, TextoLino Bocchini, Boa Vista, 13.07.2012.

O pesquisador e professor Virgílio Viana alerta também para o precário aproveitamento do potencial amazônico, à exceção de “alguns sistemas de manejo inventados por índios, extrativistas e caboclos”, e cita “uma iniciativa-piloto de manejo florestal comunitário” (VIANA, 2006, p. 25), como a produção sustentável de castanha, madeira, borracha, que surgiu na década de 90, na região de Xapuri-Acre. Aponta, ademais, para o *Projeto Mamirauá* (1993 e 1995), cujos objetivos eram desenvolver a agropecuária e a madeireira (todas sustentáveis), a educação, a proteção e o monitoramento ambiental. Esse projeto foi o embrião do *Programa de Manejo Florestal Comunitário* (1999), que ampliou a investigação das características biológicas e socioeconômicas da área. Virgílio Viana dedica um capítulo de seu livro ao *Programa Zona Franca Verde no Alto Solimões e Juruá* com produção de “polpa de açaí, plantas medicinais, essências aromáticas etc” (VIANA, 2006, p. 25-26).

Para evitar o desmatamento e uma “catástrofe ecológica”, o desafio principal, conforme o pesquisador e professor Edgard de Assis Carvalho, “reside na alfabetização ecológica em todos os níveis da educação, do ensino fundamental à universidade” (CARVALHO, 2008, p. 73). Uma prática pedagógica complexa que, por meio do diálogo entre ciência e arte, “articula modalidades lógico-rationais a expressões mítico-imaginárias” (p. 74), pois tanto a literatura oral quanto a escrita, como sistemas lingüísticos simbólicos, “constroem imagens amplificadoras, criam uma fantástica reserva de emoções, abrem janelas para o mundo, acionam níveis de realidade não percebidos pela linguagem monocórdica dos conceitos” (CARVALHO, 2008, p. 76).

O acesso ao conhecimento, para Edgard de Assis Carvalho, pode ocorrer por “múltiplas vias”, de forma que seja possível ingressar na “grande narrativa de todos os sistemas vivos” (CARVALHO, 2008, p. 76). Todo sistema obedece ao mesmo princípio do sistema matemático: forma-se de elementos, a princípio unitários, mas que necessitam interagir entre si formando um todo, que pode se relacionar com outros sistemas, natural ou cultural. Deste modo, os estudos científicos e os estudos críticos literários e artísticos, ao se integrarem, atuam com eficácia. Trata-se de um pensamento antagônico à razão pura e à objetividade legítima, pois essas não sobrevivem sem sensibilidade, subjetividade e criatividade, é necessário lutar por um modelo cultural que, também, assegure a sustentabilidade e a preservação das espécies.

A ideia de um mundo sustentável requer a eleição de prioridades. De acordo com Assis Carvalho, “...o desenvolvimento e a velocidade da tecnologia terão de ser repensados, sem que isso envolva qualquer tipo de retorno à idade da pedra [...], para que a sustentabilidade deixe de ser um discurso oportunista [...] e passe a governar sentimentos e ações de todos”. A proposição de ações para todos exige uma “educação ecológica constante” (CARVALHO, 2008, p. 75), a fim de se alcançar a cidadania. Não se pode manter o modelo da escola fragmentada com estruturas de repetição, e sim “buscar, nas potências da criatividade, o exercício da autonomia incondicional do sujeito, a aceitação de que nossa qualidade de humanos [...] nos faz responsáveis diante de nossos atos” (CARVALHO, 2008, p. 76).

Torna-se necessário instaurar um diálogo entre as partes envolvidas, entre as diferentes ideias e culturas, um intenso diálogo que, conforme Assis Carvalho (2008, p. 73), requer a privação, ainda que temporariamente, de cientificismo, crenças e preconceitos, para que a comunicação tenha fluidez e se concretize de fato. O pesquisador ainda acrescenta: “Ciência e imaginação, ciência e arte nunca se excluem, mas se completam, empenhadas que estão em decifrar o sentido e significado da vida. Não é mais possível que o século XXI mantenha a separação entre a cultura científica e a cultura das humanidades” (CARVALHO, 2008, p. 77).

Ao se tomar como base a proposta de Edgard de Assis Carvalho, percebe-se que é indispensável a formação e a divulgação de um pensar nacional permanente sobre a ecologia,

livre de exarcebações, isto é, uma atitude, um conhecimento, que questione o saber e as ações políticas instituídas. Se por um lado, a sustentabilidade da natureza necessita da integração de diversas áreas (social, política, econômica e ambiental); por outro lado, não se pode olvidar da área educacional e dos diálogos constantes com os saberes. Somente assim é possível conduzir a sociedade a uma conscientização plena da importância da preservação da natureza.

O conhecimento que advém da ciência, da arte e da filosofia gera a reflexão, mas é imprescindível ouvir o nativo, que também tem seus saberes, integrando conhecimento científico e sabedoria dos autóctones da floresta. A memória dos povos indígenas tem sido um baluarte em sua identidade, ainda que a modernização tenha transformado a vida de muitos habitantes da região amazônica, que vivem em casas flutuantes às margens dos rios Amazonas e Negro, como os “ribeirinhos”.

A identidade de uma sociedade, na concepção de Zygmunt Bauman, “tem raízes, [...], numa rede mais ou menos invariante de relações sociais; a natureza *societal* da sociedade consiste acima de tudo numa teia de interdependências desenvolvida e sustentada pela e na interação humana” (BAUMAN, 2012, p. 215-216). O sociólogo polonês esclarece que as relações sociais “são o esqueleto permanente, duradouro, [...], da prática *societal*” (BAUMAN, 2012, p. 216). Deduz-se, então, que o pensamento e as atividades dos habitantes de regiões diversas do Brasil resistem à massificação da modernidade. São padrões calcificados, que se apresentam, sempre que possível, como “eventos flutuantes” (BAUMAN, 2012, p. 216).

As reflexões sobre o meio ambiente implicam na busca da etimologia do vocábulo “refletir”, do latim *reflectere*, que significa “retroceder”, pois o ser humano, ao visualizar sua imagem refletida no espelho, contempla o desdobramento de si em dois campos simultâneos: um se desdobra em real ao refletir sua própria figura na época atual; outro, em imaginário ao registrar a consciência que se visualiza para a época vindoura. Portanto, retorna a si mesmo, transgredindo os parâmetros da modernidade e repensando um novo mundo. Pois cabe perguntar: Que mundo é esse em que se vive? Por que não buscar outro mundo? De acordo com o líder indígena Ailton Krenak, “um mundo à nossa disposição”, em que se pode “escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’” (KRENAK, 2019, p. 69-70)

Esse processo revela a retomada do que foi pensado e/ou vivido anteriormente, do conhecimento engessado, já instituído, que gera, certamente, a discussão criando novas ideias e atitudes, principalmente, sobre o meio ambiente, seus benefícios e sua preservação, com a participação efetiva tanto dos educadores quanto das instituições. Estas últimas com políticas públicas de divulgação, acesso à água para consumo e saneamento adequado para a população, além da manutenção da limpeza, como: coleta diária de resíduos, tanto nas residências, quanto no comércio e nas indústrias; produtos de construção e reciclagem para que não se acumulem resíduos e microrganismos, e para que não sejam despejados nos rios e lagoas. São muitas as ações de preservação, basta lembrar da manutenção das nascentes e margens dos rios, além da reflorestação dessas margens e das encostas. Trata-se da limpeza do solo e do ar.

Todas essas políticas e ações, assinaladas no parágrafo anterior, necessitam de uma população alfabetizada, e a Educação cumpre este papel: o aluno necessita expor suas ideias, ser coparticipante do processo de ensino/ aprendizagem, porque não apenas as informações e o conhecimento integram esse processo, como também o jogo de ideias, reflexões, articulações verbais, diálogos e respeito mútuo introduzem o educando na trajetória de formação da cidadania.

O pesquisador Antonio Joaquim Severino aponta para dificuldades no ensino fundamental e no universitário: pelo lado externo, “em sua inserção histórica na sociedade brasileira, sob os diversos condicionamentos políticos, econômicos e sociais” (SEVERINO, 2009, p. 254) e, pelo lado interno, “em sua esfera específica, como lugar de produção,

sistematização e disseminação do conhecimento” (SEVERINO, 2009, p. 254), um conhecimento, que, neste estudo, se volta para a educação ecológica permanente. É um desafio para a universidade brasileira “rever com criticidade, criatividade e competência, sua relação com o conhecimento, tratando-o como processo e não como produto” (SEVERINO, 2009: 254). Se o século XX foi marcado pelo capitalismo, o século XXI está sendo marcado pelo conhecimento. Torna-se necessário um ensino crítico e criativo, que contemple o meio ambiente e as reflexões de como preservá-lo. Cabe à universidade, conforme Antonio Joaquim Severino,

...dedicar-se à formação do cidadão autêntico, pois seu papel mais substantivo vai muito além da formação do profissional, do técnico e do especialista. Por mais que os resultados históricos não tenham correspondido a essa expectativa, isso não compromete sua finalidade intrínseca, formadora que precisa ser da consciência social que é a única sustentação de um projeto político minimamente equitativo, justo e emancipador. (SEVERINO, 2009, p. 258).

O compromisso da Universidade com o ensino básico não se restringe à tarefa técnica de formar professores, no entender de Antonio Joaquim Severino,

...é muito mais profundo e radical. Trata-se de um compromisso ético-político com a educação, mola propulsora do processo civilizatório. [...] Deixar de assumir responsabilidades diretas e incisivas em relação a essa problemática é uma traição a seu próprio destino. Ela precisa ser lugar prioritário de se pensar modelos e caminhos da educação básica do país. (SEVERINO, 2009, p. 261).

Enquanto os pesquisadores se preocupam em formar *cidadãos autênticos*, os indígenas pela voz do líder *yanomami*, Davi Kopenawa, apresenta uma sociedade em que tudo está em seu lugar, pronto para ser vivido junto à floresta, ao homem e à natureza, que dividem o mesmo espaço:

Nós temos aldeia e caçamos, e eles [os animais] também caçam e têm lugar pra viver. Para fazer oca usamos conhecimento tradicional, pegamos folha, cipó e fazemos. E a casa da onça, como é? Ela procura na pedra um bom buraco pra viver. Macaco é a mesma coisa. E mutum? Fica nas árvores, porque é ali que a natureza quer que ele fique. O peixe, a mesma coisa, fica no rio. Jabuti, cotia, todo bicho é assim, todo tem casa na natureza como nós. Você tem também, mas aí é diferente. Você tem cama, geladeira, freezer, telefone, [...], chuveiro pra tomar banho dentro da casa, são costumes bem diferentes. Nós tomamos banho no rio. (KOPENAWA, 2012).

No contexto amazônico, o conhecimento pode ser transmitido por meio de diferentes saberes, desde os saberes indígenas até os saberes virtuais. A integração do conhecimento científico e da sabedoria dos autóctones da floresta pode ser concretizada, como se verifica, por exemplo, na entrevista do filósofo Edgar Morin (2008, p. 18) ao cacique Marcos Terena, o qual declara: “soberania não é só o território. São as riquezas que estão no coração das pessoas indígenas. A sua filosofia de vida”. Recentemente, o chefe indígena Jurara Waiãpi<sup>30</sup> declarou, em relação à proteção da reserva de sua tribo: “Não queremos ter mineração onde vivemos em paz, onde bebemos água, onde sustentamos filhos e netos. Isso fere *YvyJarã*, a entidade espiritual que cuida de nossas terras” (WAIÃPI, 2017, p. 80).

Na opinião de Davi Kopenawa, é preciso se reunir para dialogar, senão o mundo terminará:

Como não tem outra Terra, nosso povo também é só um, nós e vocês. Então precisa sentar pra trocar ideia. Discutir junto como usar nosso planeta e nosso país, que é tão rico, tão bonito e tem água limpa. Mas homem de São Paulo, Inglaterra ou dos Estados Unidos não quer saber de manter terra viva, a floresta em pé. Quer derrubar tudo e fazer mercadoria. Mas tem que pensar no futuro, no que vai acontecer com as

<sup>30</sup>Declaração do chefe indígena Jurara Waiãpi. In: WAIÃPI, J. *Revista Veja* (2017) p. 80.

futuras gerações, ou daqui a cem anos nosso planeta vai virar um campo de futebol, sem árvore, pássaro ou água limpa, sem beleza nem índio. E quando acabar índio e floresta, aí vai ser o fim do mundo. (KOPENAWA, 2012).

O líder indígena ainda acrescenta: “O homem da cidade também vai morrer. Vai começar a sofrer, a brigar, a matar parente. Vai querer comprar floresta, vir com trator para cá e a destruição vai engolir todo mundo. Não é só o índio que vai morrer” (KOPENAWA, 2012). Ademais, para se compreender as concepções indígenas, torna-se necessário uma comparação entre o pensamento dos povos indígenas e o dos ocidentais. Este último caracterizado pelo pensamento dicotômico, como “espírito e matéria”, “mente e corpo”, que descobre “na cultura” um esforço permanente para superar e remover essa dicotomia. Acrescenta-se ainda a crítica à dicotomia entre “mundo histórico” e “mundo simbólico”, que encontra respaldo na afirmação do professor e pesquisador Carlos Gadea:

Essa dicotomia pode operar como “tipo ideal” para, justamente, diferenciar inter-relações sociais e seus contextos de produção e representação, porém não para sugerir etapas de uma evolução histórica. Não se trata de etapas ou estágios históricos “objetivos”, da passagem de “mundos materiais e simbólicos” de menor grau de complexidade para outros de complexidade maior, ou do advento ou emergência de uma condição social e cultural que acabaria substituindo uma anterior. (GADEA, 2007, p. 106).

O pensamento indígena, arraigado à região selvática, concebe a natureza, a flora e a fauna como seres vivos, não pelo experimentalismo dos estudos biológicos, mas sim porque todos os segredos da criação e da dissolução dos universos estão presentes no corpo humano. O autóctone é fundamental para o conhecimento da natureza selvagem e seus mistérios. Por pertencer a uma só natureza, como já se abordou neste estudo, o nativo pode despertar essa consciência unívoca (homem/ natureza) e promover uma rede vital de relações e interdependências, revelando, simultaneamente, o uso sustentável da biodiversidade e a preservação da natureza, além do patrimônio cultural da Amazônia. Tal esforço requer ações políticas e sociais, de acordo com Davi Kopenawa:

...falam que [a terra] é do governo, mas governo não plantou, não, a natureza que pôs ali. Aqui em cima é pro índio fazer roçado, plantar macaxeira, banana, cana... alimentação indígena. Mas branco quer tirar mercadoria da terra, já aprendi faz tempo esse pensamento. **Napê**[branco] não quer preservar a natureza, cuidar da terra. Só quer destruir, tirar riqueza da floresta, negociar madeira pra país onde não tem. E ainda tem problema de biopirataria e garimpeiro. O nome já diz: garimpagem, fazer buraco... Mataram meu povo por conta de ouro e diamante. Querem fazer brinco de pedra pras mulheres deles ficarem bonitas e enfeitar casa, enfeitar loja, enfeitar tudo... o pensamento, o mundo todo do branco é assim. (KOPENAWA, 2012).

Os efeitos do desmatamento sobre o clima na Amazônia são daninhos, como “o fogo, a fumaça e afuligem”. De acordo com o pesquisador Antonio Donato Nobre, gera “a redução drástica da transpiração, uma mudança na dinâmica das nuvens e chuvas, e uma maior duração da estação seca” (TN) (NOBRE, 2014, p. 5). Ainda que as formas de ignição se originem das atividades humanas, nem todas procedem diretamente dessas atividades na Amazônia, pois o desmatamento ocorre não só no Brasil, mas também em outros países. Cabe lembrar que outros agentes, como a queima de carvão e petróleo, são causadores das mudanças climáticas no mundo.

A destruição da Amazônia, ameaçando as chuvas e o clima, de acordo com Antonio Donato Nobre, “não derrotaria apenas a agricultura competitiva; a falta (ou excesso) de água afeta a produção de energia, as indústrias, o abastecimento das populações e a vida nas cidades” (TN) (NOBRE, 2014, p. 32).

A partir do final do século XX, diversas iniciativas foram tomadas no Brasil, muitas empresas se mobilizaram no sentido de preservação das matas, da água e do uso sustentável do solo e dos rios. Destacam-se as construções de empresas e residências com o aproveitamento de energia, luz e ventilação naturais e uso de formas de energia alternativa (eólica, solar...), para a produção energética de matéria prima renovável (madeira, cana-de-açúcar, amendoim...), reduzindo o consumo. A racionalização da energia é indispensável na preservação do meio ambiente. Entretanto, causa preocupação a notícia<sup>31</sup>, em 2012, de que o abastecimento de energia elétrica no país vai crescer.

Não só as usinas hidrelétricas, mas também as mineradoras preocupam por sua extensa ocupação do solo e pelos desastres ecológicos que produzem, basta lembrar das mineradoras: ao se romperem ou vazarem derramam metais tóxicos e diversos poluentes no solo e nas águas das regiões que ocupam no Brasil, desalojando inúmeras populações, como se verificou em noticiário. Além das extensas estradas<sup>32</sup> que cortam o território brasileiro e preocupam pelo desmatamento e pela ruptura do ecossistema, a qual já se tratou neste estudo, como “a grande ruptura”, apoiando-se na concepção do filósofo Michel Serres. Também, deve-se ouvir a voz do líder indígena Davi Kopenawa de como surgiu a poluição, “o erro do branco”:

Falam que [o mundo] tá poluído, que mudança climática tá chegando, que tá chovendo ou não tem chuva, tá mais quente... Isso tudo é o erro do branco se mostrando. Aumenta a população, a quantidade de carro, avião, fábrica, óleo. Aqui em Boa Vista mesmo há alguns anos teve tempo seco como nunca. Secou muita floresta e aí acabaram desmatando. Tenho dois pensamentos: ou vamos morrer queimados, ou vamos morrer afogados. (KOPENAWA, 2012).

Para o líder indígena Davi Kopenawa, o índio fala pouco e nós devemos escutar mais:

Tem metade da população de não índios que já tá escutando, aprendendo, começando a falar em preservação da natureza. Mas ainda é pouco. O índio tem que falar mais e vocês têm que escutar mais. Temos que lutar juntos. O mais importante é ter aliança, não ficar com preconceito, não ficar inimigos. E lembrar que árvore não é carne, não tem que fazer nada, árvore é só deixar lá que já tá conservada. (KOPENAWA, 2012).

Além dos projetos, desenvolvidos pelo *Instituto Brasileiro do Meio Ambiente*, foram registradas as terras dos povos indígenas, que têm um papel fundamental na preservação amazônica. São muitos os projetos e ações positivos, como por exemplo, os da *Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)*: o cultivo do *açaizeiro BRS Pará* (2005), e o *Mandiotec* (2019), que foram usados por produtores familiares na Amazônia. Conforme a pesquisadora Anna Christina Monteiro Roffé Borges<sup>33</sup> o projeto “visa promover o compartilhamento de conhecimentos para agricultura familiar sem queima na Amazônia, visando à transição produtiva por meio da adoção de práticas e tecnologias sustentáveis para recuperação de áreas alteradas, redução do desmatamento e das queimadas” (BORGES, 2016-2019, p.1).

<sup>31</sup>Ecodebate. In: <https://www.ecodebate.com.br/2012/11/06/governo-planeja-34-novas-usinas-hidreletricas-ate-2021-sendo-15-delas-na-amazonia-legal/>

<sup>32</sup>As estradas mais extensas são: BR 116- começa no estado do Ceará e termina no do Rio Grande do Sul; BR-101- inicia no estado do Rio Grande do Norte e termina no do Rio Grande do Sul. E as internacionais são: BR-364- *MAPEstrada Madre de Dios* (Perú), Acre (Brasil), Pando (Bolívia), que se junta à BR-317, *Estrada do Pacífico* ou *Rodovia Interoceânica* ou *Carretera Interoceânica*, que se inicia no Brasil, atravessa Bolívia e Peru e chega ao Oceano Pacífico; BR-230-*Rodovia Transamazônica* (1972) atravessa os seguintes estados: Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas (e deveria chegar ao Peru e ao Equador); BR-174-*Rodovia Brasil* atravessa os estados de Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Roraima e chega à Venezuela.

<sup>33</sup>Anna Christina Monteiro Roffé Borges é líder do projeto *Compartilhamento do conhecimento para agricultura familiar sem queima na Amazônia. Embrapa Amazônia Oriental*, 2016-2019.

Ainda, de acordo com a pesquisadora da *Embrapa Amazônia Oriental*, A. C. M. Roffé Borges,

A adoção de sistemas alternativos é uma forma de alcançar a sustentabilidade de unidades de produção familiar rural e do uso de recursos naturais. Para tornar disponíveis sistemas alternativos aos produtores familiares, são necessárias ações de disseminação de alguns sistemas validados cientificamente e de identificação, adaptação e validação científica de outros sistemas e tecnologias promissoras. (BORGES, 2016-2019, p.1).

Várias organizações não governamentais também continuam a luta por uma melhor qualidade de vida, porém imprimem maior destaque ao enfoque natural do que ao social. Embora essas discussões sejam relevantes, tanto o descaso com os *Povos Originários e Comunidades Tradicionais*, quanto a quantidade de emissões globais de *gases do efeito estufa* preocupam; entretanto, de acordo com Antonio Donato Nobre, para “conseguir que os efeitos científicos” sobre o clima e os efeitos “do desmatamento na geração do clima inóspito cheguem à sociedade e se transformem em conhecimento comum e corrente [...] é preciso falar à sensibilidade das pessoas” (NOBRE, 2014, p.33).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as iniciativas de sensibilizar as pessoas e de levá-las a conhecer os problemas. Cabe destacar o artista visual Sebá Tapajós que, em 2015, numa ação inicialmente isolada, começou a pintar as casas dos moradores, os quais vivem à margem do rio Guamá<sup>34</sup> no Pará. Trata-se do projeto *Street River*, que “tem como objetivo levar arte urbana para quem vive do outro lado da cidade”<sup>35</sup>, sem água potável e em precárias condições de saúde. Os “ribeirinhos” atuam na preservação da Amazônia, pois à semelhança dos indígenas e seus descendentes, aprenderam a conhecer a respiração, a pulsação local, não só do homem, mas também da floresta e dos animais, elementos que garantem a sua sobrevivência na selva amazônica e, conseqüentemente, a sustentabilidade dessa região.

A obra de Tapajós não apresenta imagens, sua arte é abstrata, inspirada, conforme ele, no movimento do rio: “Isso é por conta de minha influência ser o rio, as margens e a floresta”<sup>36</sup>. A iniciativa de Sebá Tapajós, por meio da melhora das casas e das condições de habitação, ganhou força com a participação de outros artistas<sup>37</sup>. Torna-se necessário chegar à raiz do problema.

Os discursos em favor do clima e da preservação do meio ambiente são inúmeros, mas as práticas são ínfimas. Pode-se pensar na existência de uma política eficaz de Estado para resolver o desmatamento e a preservação do meio ambiente. Entretanto, não é o que ocorre, pois a precariedade da Educação não só no Brasil, mas também em outros países (desde o ensino básico até o superior), não permite, conforme se assinalou neste estudo, a prática de ações ecológicas relevantes.

No momento em que se encerra este artigo (maio 2020), o mundo atravessa uma pandemia com incontáveis mortes. Famílias estão sendo desfalcadas, e o isolamento que se torna necessário é uma oportunidade para se pensar, como o indígena, em “discutir junto como usar nosso planeta e nosso país” (Davi Kopenawa), para ter “um mundo à nossa disposição (Ailton Krenak) e para poder abraçar a natureza.

<sup>34</sup>O rio *Guamá* (em língua indígena, *o rio que chove*) nasce na Terra Indígena Alto Río *Guamá* (tribos: *AwaGuajá*, *Ka'apor* e *Tembé*), em *Paragominas*, no nordeste do estado do Pará.

<sup>35</sup>Sobre Sebá Tapajós ver: [g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/01/grafiteiro-transforma-casas-de-ribeirinhos-em-obras-de-arte.html](http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/01/grafiteiro-transforma-casas-de-ribeirinhos-em-obras-de-arte.html)

<sup>36</sup>*Ibidem*.

<sup>37</sup>Os artistas que aderiram à iniciativa de Sebá foram: Fael Primeiro (Bahia), Acidum Project (Ceará), Kajaman (Rio de Janeiro), Mundano (São Paulo), Toys e Omik (Distrito Federal).

## REFERÊNCIAS

ALLEGRETI, Mary. Usar para valorizar. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Ano 4, nº 44, maio 2009, p. 22-25.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Floresta que sangra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Ano 4, nº 44, maio 2009, p. 18-21.

ANDUJAR, Claudia. **Claudia Andujar La Lutteyanomami**. Paris: Foundation Cartier, 2020. Disponível em <https://amazonia.org.br/2020/01/a-luta-yanomami-de-claudia-andujar-chega-a-paris/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

BARROSO, João Carlos. A agricultura moderna em Mato Grosso: riqueza e pobreza. In: COY, Martin; KOHLHEPP, Gerd (Coords.). **Amazônia sustentável. Desenvolvimento sustentável entre políticas públicas, estratégias inovadoras e experiências locais**. RJ: Garamond; Tübingen, Alemanha: Geographischen Instituts der Universitat Tübingen, 2005, p.189-195.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BECKER, Bertha K.; STENNER, Cláudio. **Um futuro para a Amazônia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

BORGES, Anna Christina M Roffé. **Compartilhamento do conhecimento para agricultura familiar sem queima na Amazônia**. Embrapa Amazônia Oriental, 2016-2019. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/210923/compartilhamento-do-conhecimento-para-agricultura-familiar-sem-queima-na-amazonia>. Acesso em: 14 jul. 2020.  
BRASIL. **Fundação Nacional do Índio (FUNAI)**. Disponível em <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CANTON, Kátia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Edgard de Assis. “A natureza recuperada”. **As Dimensões Imaginárias da Natureza. Atas do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário, 2008.

COY, Martin; KOHLHEPP, Gerd (Coords.). **Amazônia sustentável. Desenvolvimento sustentável entre políticas públicas, estratégias inovadoras e experiências locais**. RJ: Garamond; Tübingen, Alemanha: Geographischen Instituts der Universitat Tübingen, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela S. Abreu. RJ: Contraponto, 1997.

DÍAZ CASTILLO, Roberto. **Cultura popular y luchas de clases**. La Habana: Casa de las Américas, 1987. (Cuadernos Casa, 33)

ECODEBATE. **Novas Usinas**. Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2012/34-novas-usinas-ate-2021/>. Acesso em: 14 jul. 2020.



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISAS AGROPECUÁRIAS (EMBRAPA). **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em <http://www.embrapa.br/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

FREITAS, Carlos Machado de. **Um equilíbrio delicado: crise ambiental e a saúde no planeta**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. (Coleção Desafios do Século XXI).

FUNDO GLOBAL PARA O MEIO AMBIENTE (Global Environment Facility- GEF). **Agência Gef**. Disponível em <https://www.funbio.org.br/agencia-gef/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

FUNDO MUNDIAL DA NATUREZA BRASIL/ **World Wildlife Fund Brasil (WWF)**. Disponível em [https://www.wwf.org.br/wwf\\_brasil/wwf\\_mundo/wwf/](https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/wwf_mundo/wwf/). Acesso em: 28 mai. 2020.

GADEA, Carlos. Dinâmica da modernidade na América Latina: sociabilidades e institucionalização. **Topoi**, jul.-dez.2007, v. 8, nº 15, p. 105-123. Disponível em [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi15/topoi%2015artigo5.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi15/topoi%2015artigo5.pdf). Acesso em: 28 mai. 2020.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores y Ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización**. México: Grijalbo, 1995.

GARCÍA CANCLINI. **Latinoamericanos buscando lugar en este siglo**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

GUBERMAN, Mariluci. (Org.). **Provocações da Amazônia: dos rios voadores aos voos imaginários**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2015, 494p.

GUBERMAN, Mariluci. “A Amazônia em discussão: problemas e realizações”. **SURES**. Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Nº 3 (2014). Foz do Iguaçu: UNILA. Disponível em <https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/sures/article/view/13>. Acesso em: 26 mai. 2020.

GUBERMAN, Mariluci. “La Amazonía y los juegos de lenguaje: de lo histórico a lo imaginário”. **Revista Cambios y Permanencias**. Bogotá: Universidad Industrial de Santander, vol. 9, núm. 2, 2018, p.1-29.

GUBERMAN, Mariluci. Amazônia: em busca de uma política para sua preservação. *In*: GUBERMAN, Mariluci (Org.). **Provocações da Amazônia: dos rios voadores aos voos imaginários**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2015, p.67-86.

GUBERMAN, Mariluci. **América Latina: construções, desconstruções e reconstruções**. Saarbrücken (Deutschland): Verlag Edições Acadêmicas, 2017.

HOUAISS, Antônio (org.). **Noel Nutels: memórias e depoimentos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. 1991/2010. Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO CERTI AMAZÔNIA. **Games Educativos**. Disponível em <https://umcanto.com/instituto-certi-amazonia>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODEVERSIDADE (ICMBio). **Montanhas do Tumucumaque**. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/parna-montanhas-do-tumucumaque>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA (IPAM). **Recuperação de áreas degradadas**. Disponível em <http://ipam.org.br/cartilhas-ipam/recuperacao-de-areas-degradadas/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

INSTITUTO MAMIRAUÁ. **Jogos Didáticos de Educação Ambiental**. Disponível em <https://www.mamiraua.org.br/pt-br/comunicacao/noticias/2014/10/2/instituto-mamiraua-disponibiliza-jogos-didaticos-de-educacao-ambiental.../>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA (INPA). **Produtos e Processos Patenteados**. Diretor Adalberto Luis Val. Coordenador Estevão Monteiro de Paula. Chefe de Divisão Noélia Lúcia Simões Falcão. Brasília: FINEP; Manaus, Amazonas: INPA, 2007.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povo Ticuna**. Disponível em <http://www.socioambiental.org/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil Mirim**. Disponível em <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/websites/povos-indigenas-no-brasil-mirim>. Acesso em: 14 jul. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>. Acesso em: 27 mai. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Quadro Geral dos Povos Indígenas**. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/quadro-geral>. Acesso em: 28 mai. 2020.

KOHLHEPP, G; BLUMENSCHHEIN, M. Brasileiros sulistas como atores de transformação rural no Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso. **Território**. 8, 2000, p. 47-66.

KOHLHEPP, Gerd. Desenvolvimento sustentável na Amazônia? Dúvidas na consolidação do programa piloto, as recentes estratégias e a realidade amazônica. *In*: COY, Martin; KOHLHEPP, Gerd (Coords.). **Amazônia sustentável. Desenvolvimento sustentável entre políticas públicas, estratégias inovadoras e experiências locais**. Rio de Janeiro: Garamond; Tübingen, Alemanha: Geographischen Instituts der Universität Tübingen, 2005, p. 75-95.

KOPENAWA, Davi. “Davi Kopenawa Yanomami Pouco conhecido em seu próprio país, ele é a mais respeitada liderança indígena brasileira”. **Revista Trip**, Texto por Lino Bocchini, Boa Vista, 13.07.2012. Disponível em <http://revistatrip.uol.com.br/revista/212/paginas->

negras/davi-kopenawa-yanomami.html - 16. Acesso em: 14 jul. 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Original em francês *La chute duciel. Paroles d'unchamanyanomami* (2010). Trad. Beatriz Perrone Moisés. Prefácio Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes expedições à Amazônia brasileira: Século XX**. São Paulo: Metalivros, 2011.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. 3ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 2005.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Áreas Protegidas**. Disponível em <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>. Acesso em: 14 jul. 2020.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Participação de Marcos Terena. Trad. Paula YoneStroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MUNDURUKU, Alessandra. Denúncia dos indígenas. *In: El pueblo indígena munduruku denuncia minería ilegal en Brasil* (2019). Disponível em <https://www.survival.es/noticias/12283>. Acesso em: 27 mai. 2020.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Situação dos povos indígenas no brasil**. Disponível em <https://nacoesunidas.org/situacao-dos-povos-indigenas-no-brasil-e-a-mais-grave-desde-1988-diz-relatora-da-onu/>. Acesso em: 26 mai. 2020.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Cartas do sertão**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Assírio & Alvim, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. There is a large number of feet, particularly anthropomorphic ones, which may have been feet of vessels. (2004: 125). *In: GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. São Paulo: USP, Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 14/08/2008. Disponível em [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-0508008-104113/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-0508008-104113/). Acesso em: 27 mai. 2020.

NOBRE, Antonio Donato. **El futuro climático de la Amazonía: informe de evaluación científica**. Trad. Isabela Figueroa, German Poveda, Yana Marull. São José dos Campos, SP: ARA: Centro de Ciencias del Sistema Tierra (CCST), Instituto Nacional de Investigaciones Espaciales (INPE), Instituto Nacional de Investigaciones de La Amazonía (INPA), e-book: il., 2014, 43p. Disponível em [www.ccst.inpe.br/wpcontent/uploads/2014/11/El\\_Futuro\\_Climatico\\_de\\_la\\_Amazonia.pdf](http://www.ccst.inpe.br/wpcontent/uploads/2014/11/El_Futuro_Climatico_de_la_Amazonia.pdf). Acesso em: 27 mai. 2020.

PAZ, Octavio. **El signo y el garabato**. Barcelona: Seix Barral, 1991.

PEDROSO, J; THOMAS, Jennifer Ann. “Floresta barulhenta”. **Revista Veja**, ano 50, nº 36, de 6 de setembro de 2017, p. 74-80.

PEREIRA, Manuel Nunes. **Moronguêta: um Decameron indígena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980.

PORTAL DA AMAZÔNIA. **Ribeirinhos da Amazônia**. Disponível em <http://portaldoamazonas.com/ribeirinhos-da-amazonia>. Acesso em: 14 jul. 2020.

PROJETO MAMIRAUÁ. **Programa de Manejo Florestal Comunitário**. Disponível em <https://www.mamiraua.org.br/pt-br/manejo-e-desenvolvimento/programa-de-manejo-florestal-comunitario/>. Acesso em: 26 mai. 2020.

RÁDIO Yandê. **Rádio Indígena Online**. Disponível em <http://radioyande.com/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

REVISTA **Amazônia**: COP 15, Copenhagen. “Empresa estimula geração de renda com preservação ambiental no coração da Amazônia”. Belém (Pará): Cirios. Ano 4, nº 17, 2009, p. 64-66.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina: a pátria grande**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios: os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALATI, Eneas. **Rios voadores**. Disponível em <http://riosvoadores.com.br/equipes/equipe-cientifica/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. Entrevista com Milton Santos. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Reginaldo Ferreira; SIQUEIRA, Jair Antonio Cruz (Orgs.). **Fontes renováveis de energia II: agroenergia**. Cascavel: UDUNIOESTE, 2013.

SERRES, Michel. **O contrato natural**. Trad. Beatriz Sidoux; revisão Oto Araújo e Ricardo Musse. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. *In: A Avaliação Institucional nas Universidades Federais e as Comissões Próprias de Avaliação*. Campinas; Sorocaba, jul.2009, v.14, nº 2, p.253-266.

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (SNUC). **Áreas Protegidas**. 17.02.2010. Disponível em <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SOARES, L. B. Antônio. **Trilhas e caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia – MT, na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2004.

SOARES, Marília Facó. **Ticuna. Povos Indígenas no Brasil**. Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 14 jul. 2020.

TAPAJÓS, Sebá. **G1 Globo**. Disponível em [g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/01/grafiteiro-transforma-casas-de-ribeirinhos-em-obras-de-arte.html](http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/01/grafiteiro-transforma-casas-de-ribeirinhos-em-obras-de-arte.html). Acesso em: 27 mai. 2020.

VIANA, Virgílio. **As florestas e o desenvolvimento sustentável na Amazônia**. Apresentação Thiago de Mello. Manaus: Valer, 2006.

VILLAS BOAS, Orlando e Cláudio. **A Marcha para o Oeste**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1994.

WAIÁPI, Jurara. “Declaração do chefe indígena Jurara Waiãpi”. In: PEDROSO, J; THOMAS, J. A. “Floresta barulhenta”. **Revista Veja**, Set. 2017, ano 50, nº 36, p. 80.